

publicidade comercial que se desenvolvia⁽²⁷⁹⁾. Como todas as fases de ebulição política, a que se abriu com o pós-guerra foi propícia aos caricaturistas e ilustradores. Fritz, que estreara em 1910, aos quinze anos, em *O Malho* brilharia em *Figuras e Figurões*, semanário ilustrado de outro artista do lápis, Amaro Amaral, que começou a circular em 1913, contando também com Raul, Calixto, Vasco Lima, Seth e outros; ingressou, depois, em *A Época*, de Vicente Piragibe, e colaborou no *Jornal do Brasil*, *A Noite*, *A Manhã*, *Crítica*, *O Globo*, *O Radical* e *Para Todos*, figurando com destaque no Primeiro Salão dos Humoristas, realizado em 1916. Foi o criador de tipos populares inimitáveis, como o do vagabundo e o do pequeno jornaleiro particularmente. Ilustrada era também *A Maçã*, fundada e dirigida por Humberto de Campos, que se assinava *Conselheiro XX*; a revista era de frascarices, mas tinha excelente apresentação gráfica, ilustrada por gente como Calixto, Romano, Guevara, e circulou de 1922 a 1929. Em 1921, aparecia o *Almanaque do Eu Sei Tudo*, da empresa Editora Americana, também ilustrado. O primor gráfico estaria, porém, com a *Ilustração Brasileira*, revista de luxo, cujos números de setembro a dezembro de 1922 foram copiosamente ilustrados por J. Carlos, que faria também, no *Para Todos*, cuja direção, a partir de 1922, repartiu com Álvaro Moreyra, capas primorosas, vinhetas, capitulares e as extraordinárias *charges* que o fixaram como um dos nossos maiores artistas⁽²⁸⁰⁾.

Duas grandes figuras dominam a imprensa da época: Alcindo Guana-

(279) “Como era natural, o resultado pecuniário da primeira edição fora bem vasqueiro, tanto para o autor como para o editor. Ora, a esse tempo eu fizera, para o Laboratório do Biotônico Fontoura, o seu primeiro almanaque. Assim, ao aparecer nas livrarias o meu primeiro livro, distribuíam também as farmácias de todo o país essoutro produto de minha literária atividade. E um dia, ao chegar à *Revista*, entregaram-me um envelope, que para isso ali deixara o nosso amigo Fontoura, com um cartão de agradecimento e um cheque para remuneração do meu serviço. Mostrei ambos ao Lobato, fazendo notar que o Almanaque que apenas me tomara uma semana de atenção e trabalho, me rendera quantia três vezes maior que o romance, em cuja escrita eu pusera os ócios de quase cinco anos de magistério. . .” (Leo Vaz: op. cit., págs. 205/206).

(280) José Carlos de Brito e Cunha (1884-1950), celebrizado como J. Carlos, estreou em *O Tagarela*, em 1902. Único dos quatro irmãos que não estudou desenho, “ninguém exerceu com maior dignidade profissional a sua arte do que esse incomparável desenhista, cujas criações, da mais bela e escorreita execução e do mais fino gosto, aliados à graça do motivo e à elegância do traço, encheram durante quase meio século as páginas de nossas melhores revistas ilustradas”. O seu vulto esgalgo, segundo Ruben Gil, “estabeleceu o esguio marco assinalador do advento da zincogravura na ilustração da imprensa — liberto o periodismo da litografia a *crayon* ou xilogravura a buril sobre traços de grafite”. Sucessor natural de Ângelo Agostini, colaborou em *O Tagarela*, de 1902 a 1903; *A Avenida*, de 1903 a 1904; *O Malho*, *Século XX*, *Leitura Para Todos*, *O Tico-Tico*, *Almanaque de O Malho* e *Almanaque do Tico-Tico*, de 1905 a 1907; *Fon-Fon*, de 1907 a 1908; *Careta*, de 1908 a 1921 e de 1935 a 1950; *O Filhote da Careta*, de 1910 a 1911; *O Juquinha*, de 1912 a 1913; *D. Quixote*, *A Cigarra*, *A Vida Moderna*, *Revista Nacional*, *Eu Sei Tudo*, *Revista da Semana*, de 1918 a 1921; diretor artístico das publicações da empresa *O Malho*, ilustrando *Para Todos*, *Ilustração Bra-*